

OPERAÇÃO DINAMITE / 1967

Um filme de Pedro Martins

Realização: Pedro Martins / *Argumento:* Frank Gold (pseudónimo de Luís de Campos), adaptado por Armando Cortez, Francisco Nicholson, Pedro Martins / *Director de Fotografia* (35 mm, preto & branco, formato 1x66): Abel Escoto / *Música:* Eugénio Pepe; letras das canções de Colette Dubois e Francisco Nicholson; interpretação das canções por Simone de Oliveira, Duo Ouro Negro, Helen Del e Agostinho dos Santos / *Montagem:* Maria Beatriz / *Som:* Luís Barão, Heliodoro Pires / *Interpretação:* Nicolau Breyner (*Max*), Francisco Nicholson, Henriqueta Maya, Carlos José Teixeira, Glória de Matos, Armando Cortez, Helen Del, Jenny Falconer, Wendy Kohler, Serge Farkas, Linda Silva, Luís Pinhão, Tania Pegova, Carlos Costa, Natacha, Alberto Vilar, Ruy Soares, Guida, Eduardo Cortez.

Produção: Filipe de Solms / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm / *Duração:* 86 minutos / *Estreia Mundial:* Lisboa (cinema Odeon), 19 de Abril de 1967.

Nos anos 60, enquanto o Cinema Novo trazia o cinema moderno e o cinema de autor a Portugal, outros realizadores e produtores tentavam refrescar o cinema popular, de entretenimento. Aparentemente convencidos de que a velha fórmula da comédia situada em “bairros típicos” e entremeada com cantorias já estava mais do que gasta, tentaram alterar pelo menos a fachada das coisas. É claro que os filmes que fizeram costumam ser inócuos e cretinos, a julgar pelo que se pode ver. Mas uma comédia “nacional-cançonetista” em *scope* e a cores como **Sarilho de Fraldas** ou um *pastiche* dos filmes de James Bond como **Sete Balas Para Selma** são certamente menos enfadonhos e pomposos do que outros filmes da era salazarista. Há quem ache que pertencem a uma categoria particular: a dos *filmes de culto que ainda não têm culto*. Se houver justiça nesse mundo, um dia virão a ter. O que também é o caso de **Operação Dinamite**, que apesar de tudo surpreende agradavelmente quando se sabe que o seu realizador perpetrara no ano anterior um dos piores filmes a jamais terem sido realizados na face da Terra: **Aqui Há Fantasmas**, que nunca poderá ser objecto de nenhum culto, pois não é “tão mau que é bom”, é tão péssimo que é pavoroso. Mal ousamos imaginar o que poderá ser o seu **Bonança & Cia** (1969), que parodia a celeberrima série de televisão **Bonanza**. **Operação Dinamite** pode despertar alguma curiosidade, inclusive de ordem cinematográfica, não apenas de ordem antropológica e sociológica. Apesar da qualidade do trabalho do director de fotografia, trata-se de uma versão subdesenvolvida de um filme à James Bond (mas sem o lado irónico de **Sete Balas Para Selma**), comparável a coisas equivalentes realizadas na mesma época em Itália, no México ou em França. E isto já basta para manter o espectador de olhos e ouvidos abertos, para ver como é que “eles” vão desenvolver e resolver a coisa.

O filme começa nos ares, a bordo de um avião da Varig, que vemos em completo destaque, no céu. Esta operação de *merchandising* (mostrar objectos ou logotipos de uma companhia que colaborou de alguma maneira no filme) não é discreta nem modesta. Veremos aviões de Varig nada menos de cinco vezes no decorrer do filme e duas bandeirinhas de propaganda da empresa num *night club*. Os descontos efectuados para a produção nos voos da companhia devem ter sido substanciais. Neste avião viaja o nosso herói, que tem cara e sotaque totalmente lusitanos. Mas tem nome de judeu americano, ganha a vida como agente da CIA (num dos primeiros diálogos menciona “os nossos agentes em Berlim-Leste”) e deve encontrar documentos roubados ao Pentágono. Este é um aspecto involuntariamente paródico

do filme, que quer passar por algo que não consegue ser de maneira convincente, tal qual Nicolau Breyner, que não consegue convencer a nenhum espectador que é um agente secreto. Depois desta apresentação, **Operação Dinamite** segue um esquema clássico: as diversas etapas da trama narrativa são entremeadas com incursões a *night clubs*, que servem para apresentar uma fauna indispensável num filme sobre espões e também servem de pretexto para canções com esquisitíssimos intérpretes, de modo a dar algum entretenimento extra-curricular ao protagonista e ao espectador. Todos os exteriores são feitos em cenários naturais, bastante bem aproveitados: diversas partes de Lisboa, inclusive à noite, com boas imagens de néons publicitários, a fachada, o hall e um quarto do Hotel Tivoli, Cascais vista de um barco, uma praia da Arrábida, uma rua de um “bairro típico” e uma casa isolada, sem nos esquecermos de trechos de São Paulo de Luanda, ao som da uma canção de Agostinho dos Santos, espécie de Johnny Mathis brasileiro, salvo seja. Embora os produtores e o realizador de **Operação Dinamite** tenham a prudência de não incluir no filme nenhum *gadget* semelhante aos que vemos nos filmes de James Bond, não faltam pormenores um tanto insólitos. Por exemplo, o nosso herói só se desloca num pequeno Alfa-Romeo descapotável e o mau da fita, além de ter sempre ao colo uma espécie de cão selvagem da África do Norte (será “citação” de **Pierrot le Fou**, onde vemos o mesmo animal?...), tem dois guarda-costas: um mudo e baixo e o outro gigantesco. Há até um pormenor que poderá divertir alguns cinéfilos: assim como Jean Gabin usa uma camisa com o monograma “JG” em **Pépé-le-Moko**, Nicolau Breyner usa uma das suas camisas pessoais, com o monograma “NB” em **Operação Dinamite**. Mas esta é única semelhança entre os dois filmes e os dois actores e trata-se, sem sombra de dúvida, de mera coincidência, segundo a fórmula consagrada.

Se alguns elementos de **Operação Dinamite** têm alguma solidez (desenrolar da trama, organização do espaço), o filme esboroa-se em todas as “cenas de acção” e nos diálogos que se querem elaborados ou divertidos. Exemplos? “- *És sempre assim tão bruto?* - *Até encontrar outro mais bruto do que eu.* - *E és sempre tão bruto com as mulheres?* - *Por quê não experimentas por ti própria?*”; ou ainda: “- *Estava morto?* - *Completamente.* - *É chato.* - *Principalmente para ele*”. Mas estas palermices, de fazer inveja ao mais inepto “dialoguista” francês, nada são se comparadas ao ridículo total e absoluto de todas as cenas “de acção”. As brigas e tiroteios são de tal maneira mal feitos que a primeira luta parece tirada de uma comédia. O espectador pode pensar que o filme bruscamente mudou de tom, mas não é o caso, é incompetência mesmo: ninguém sabe dar um soco ou um empurrão de cinema, o realizador não tem a mais pálida ideia de como coreografar uma briga e a montadora não soube ou não pôde salvar o mísero material de que dispunha. Igualmente feita à pressa e acabada de qualquer maneira é a cena em que o nosso herói se desvencilha das três mulheres que o aprisionaram: dá um simples empurrão e elas desistem logo, não voltam à carga. Isto transforma o filme num curioso paradoxo: o que poderia ser feito como paródia (uma trama de espionagem internacional entre a Avenida da Liberdade e o Portinho da Arrábida; Nicolau Breyner como substituto de Sean Connery) é feito a sério. E o que deveria ser feito a sério, as “cenas de acção”, indispensáveis num filme desta natureza, são tão mal feitas que são involuntárias paródias.

Mas nada disso é motivo para que não se veja **Operação Dinamite** uma vez na vida, porque será provavelmente a última.

Antonio Rodrigues